

A Arte e a Ginástica na antiga Grécia

PELO DR. LUDWIG GRÜNDEL
WÜRZBURG

A arte grega se consagrou principalmente à representação do homem, que o Estado considerava como seu melhor tesouro, e que formava nos estádios para sua riqueza e para sua força. A intimidade que a arte grega tinha com os estádios era o que lhe dava o verdadeiro encanto que possuía. A serena observação nos campos de exercícios e a experiência desportiva adquirida por si mesmo, fizeram do artista grego um exato conhecedor do corpo humano. Encantado pela vida humana e por sua própria existência, ia formando a figura humana e, arrebatado por seu próprio sentimento, emprestava-lhe uma graça divina. O arquétipo do artista grego era o jovem e formoso adolescente. O arquétipo do adolescente grego era uma perfeita obra de arte. E assim, a juventude e a obra artística se misturavam em uma deliciosa competição. O cidadão si-sudo se colocava a uma prudente distância desta esfera sentimental; entretanto, intimamente, se sentia arrastado por ela. Seus olhos sensíveis, mas críticos, passavam complacentemente da carne, sob a qual pulsava o sangue quente, ao mármore e ao bronze; porque o ateniense era em geral uma estirpe de atletas e "o atletismo era um prazer popular e arte eram os olhos do povo". Por conseguinte, o vivo resplendor do campo de treinamento passava livre e sem tropeços para as oficinas, passava do representado à representação, do espectador ao ator.

Toda arte reflete o caráter e a vida de um povo. O homem que alimentava a imaginação do artista grego andava verdadeiramente, em corpo e alma, pelas ruas de Atenas, com a proporção de membros, com a serena beleza, com a reflexiva disciplina, que nós, cheios de pasmo, divisamos agora nas obras de arte gregas. O modelo de corpo representado pela arte grega não é sempre o mesmo. As diferentes estirpes gregas eram diferentes também corporalmente. Em cada lugar, as condições físicas e espirituais do homem variavam constantemente. Estas modificações do tipo popular grego eram acompanhadas paralelamente por modificações da ginástica. E tão fielmente estas modificações da ginástica seguiam as do tipo grego, que não será exagêro comparar o tipo humano a uma máquina de impressão e as obras de arte gregas aos impressos. Por isso, permitimo-nos falar "da impressão corporal de uma obra de arte sobre a conformação física, e do papel que desempenhou na ginástica".

O século VI A. C., que decorreu sob a orientação de Solon, não pertenceu a si mesmo, mas ao futuro. Foi um século que lançou fundamentos, que buscou formas, que concentrou forças, que se preparou para formidáveis acontecimentos. Imediatamente, foi dada ao pedagogo ginasta ateniense a tarefa de preparar as massas que Solon convocava aos estádios, e de desbastá-las de rugosidades e rigidezes. Nesse mesmo tempo, o artista se encontrava quasi inerte, ante a matéria seca e dura. Infatigáveis, os escultores se entregavam ao trabalho, mas com meios insuficientes e forças limitadas. De suas mãos, buscadoras de formas, saíam obras imperfeitas: aqueles famosos Apolos sem graça que sorriem perplexos, aqueles atletas e vencedores um tanto torpes, cópias e protótipos que deixam

transparecer uma juventude entravada, ainda pesada e pouco flexível. Mas a ginástica se foi desenvolvendo rapidamente e a arte seguia-lhe as pegas. Nas pinturas de



O APOLO, DE TENÉA

vasos, as rudes figuras de antes eram substituídas por outras, mais desenvolvidas e mais viris, saídas da escola de

Solon. Pés distintos e estreitos, tornozelos finos, panturrilhas delgadas, coxas fortes, e tronco, descansando sobre cadeiras estreitas, erguia-se até um peito largo e arredondado, completando uma figura forte, esbelta, exata e formosa.

Nos fins do século VI A. C., a arte, com os novos processos da pintura em vermelho e da fundição de metais, pôs fim ao período das imperfeições. Sem esforço, podiam agora o pincel e o metal líquido seguir os movimentos dos membros do corpo humano, com mais flexibilidade.

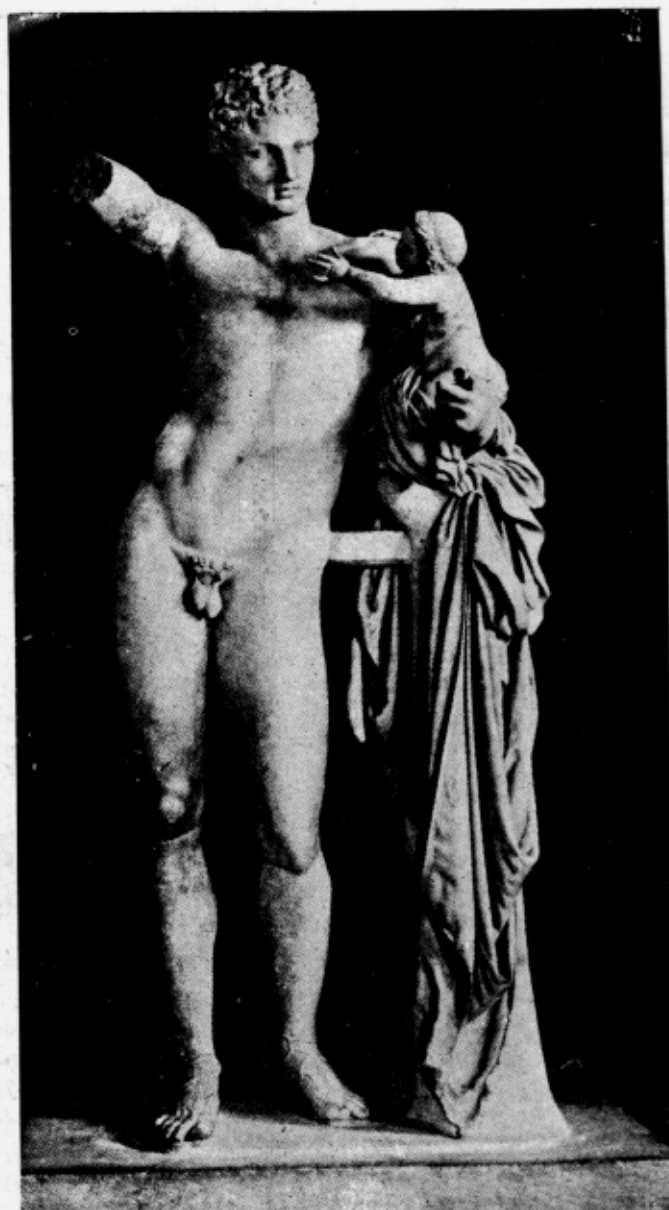
Ao terminar o século, Antenor apresentava o violento grupo dos assassinos do tirano. Essas figuras alienci-

tórica pletórica de homens, que primeiro quebraram os obstáculos que encontraram dentro do recinto da cidade e logo, com a mesma energia, derrotaram em Maratona o inimigo exterior.



O DORÍFORO, DE POLICLETO

ras, chamadas Harmódio e Aristógiton, tinham sido encomendadas em honra dos populares herois. Na reclidade, eram os representantes inominados de uma época his-



HERMES, DE PRAXITELES

Os homens daquele tempo, homens de ação libertadora, homens aptos e dispostos a cumprir sua missão, empenhando a vida, não podiam ocultar sua trajetória. Eram atletas, não só por sua constituição física e por seus prêmios, como também por seus atos. O artista estava intimamente compenetrado desta consciência e, em suas obras, a acentuava até com rudeza. Seria para ele uma falta grave, considerada contrária às boas normas, valer-se, na representação de movimentos, de homens de modos de expressão diferentes do que estava estatuído nas leis dos estádios, fosse para estar de pé, para andar, para correr, para saltar, para arremessar objetos, como para o pugilato ou para a equitação.

O entusiasmo geral pela figura humana, pelo corpo acurado e desnudo, era tão poderoso como a manifestação da força nacional, do orgulho e da confiança própria. Também aqui iam unidos o estádio e a arte, ao renunciar ao atavio do corpo. Com o momento de esplendor nacional coincidia o máximo brilho da ginástica ática. Todas as forças criadoras, todas as capacidades se uniam na as-

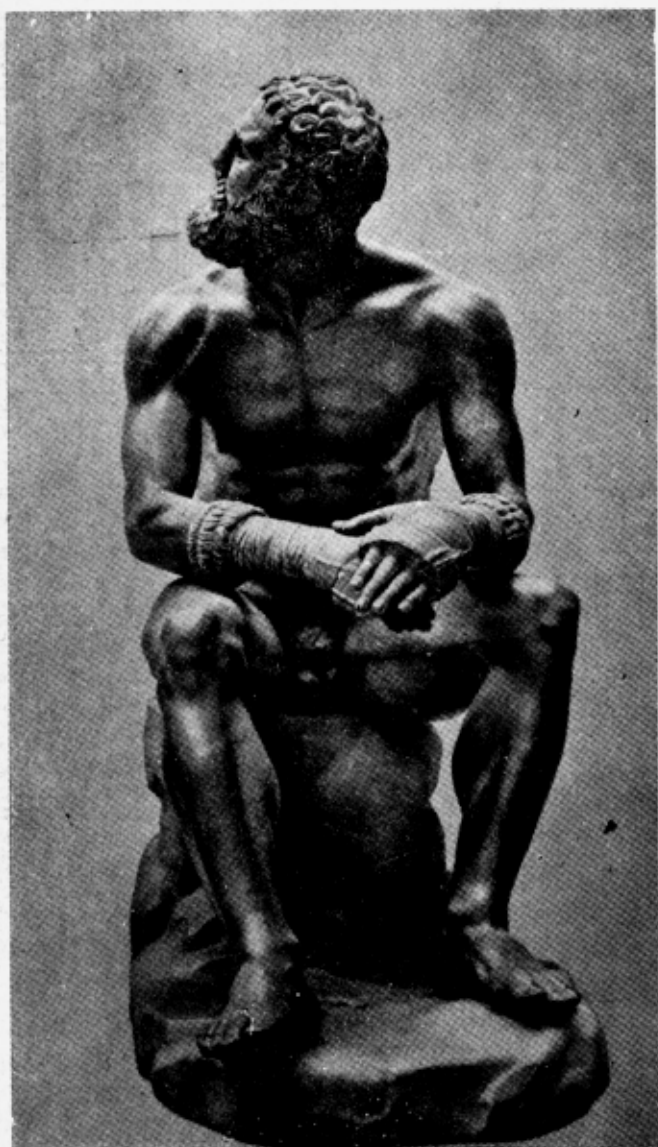
piração de manter e de cuidar do vigor nacional a que haviam chegado. Por isso, tinha que aparecer também necessariamente na arte, a feitura do homem que encarnasse sua época em todos os seus rasgos, como expressão de uma suprema humanidade, como sinal de um pleno bem estar corporal e anímico, como reflexo de uma ginástica sã e enobrecida espiritualmente. O escultor Policleto triunfou neste sentido. Seu doríforo é o modelo perfeito de uma humanidade enobrecida e dominada pelo sentimento do estilo. Forte e são, briosamente colocado no solo, fortalecedor como a coluna dórica que então dominava a arquitetura como nota característica, disciplinado, ponderado, livre e imponente, a-pesar-de modesto, conciente de si

povo ateniense atirou sobre as rochas da cidadela os escombros da incendiada Acrópolis, junto com os restos da arte antiga, como si quisesse enterrar seu passado, ante a contemplação de um futuro mais grandioso. Sem suspeitar, sepultou também as origens de sua força vital. Na posse segura da liberdade, começou a esquecer-se dos caminhos que levavam a ela. Entregou-se a magnificências e suntuosidades alimentadas pelas imensas riquezas que afluíram a Atenas. O bem-estar e a incontinência perdem um povo que se fez grande na simplicidade e na pobreza.

Os sofistas vertiam o veneno da insubordinação e da crítica. Quanto mais iam rareando, em suicidas guerras intestinas, as filas dos homens de valor, que iam sendo substituídos por homens inferiores, tanto mais iam desaparecendo os restos de fé, de fidelidade e de bons costumes. No torvelinho da perdição, a ginástica se viu também arrastada. A juventude abandonou as lutas aos atletas profissionais que surgiam de pronto da vida ginástica, a escória da Grécia. Não havia vício que a juventude não conhecesse. Indolentemente, passeavam agora pelas palestras, pelos estádios, pelas termas, e, derrotistas, criticavam com chalaças grosseiras e zombavam cínicamente dos velhos tempos "em que o pudor dirigia as dansas". "As palestras estavam vazias. Já não havia homem capaz de correr uma pista: ninguém mais exercitava o corpo" (Aristófanes). A pintura de vasos, verdadeira arte do povo, só se conheceu nos tempos em que as palestras inspiravam os artistas. Agora, êsses desenhos eram uma raridade. As consequências desta decadência não podiam deixar de manifestar-se também na constituição física dos homens. "Peito largo e soberbo, tez brilhante, músculos tensos, cadeiras estreitas", assim encomiava Aristófanes ao adolescente ateniense de outrora. A êste quadro se opõe o que lhe oferece uma juventude degenerada pela inação e debilitada pela vida de prazeres: "espáduas estreitas, débil de peito, palidez cutânea, músculos frouxos, quadris femininos e... bôca insolente".

Era impossível que a arte grega deixasse de observar essa transformação do corpo. A verdade é que a arte renunciou reproduzir cruamente a degeneração que um severo censor de costumes pintou seguramente, com côres mais negras do que o eram na realidade; mas a arte agora já não produzia mais aquelas belas figuras atléticas de um Policleto. Desde Fídias, era preferido o corpo esbelto e fino de membros, como a coluna jônica, que tinha chegado a impor-se. Comparado com o recolhimento e a precisão do doríforo, o novo corpo denotava falta de dureza exterior e fraca consistência interior. E si neste não se podia ler o abandono de que o acusava o autor de comédias, contudo se podia apreciar a perda de qualidades corporais, que o levava a um gênero de vida a que se refere Platão, criticando o jovem daquela época: "Sua vida transcorre dia por dia, abandonando-se ao desejo que no momento o assalta, tão pronto para banquetes e para a ebriedade dos sons musicais das flautas, como para contentar-se com um pouco d'água e escasso alimento; si por acaso se entregava a algum exercício, desde logo se deitava sobre uma pele macia, sem preocupar-se com coisa alguma. Em suma, nem a ordem, nem o senso do dever regiam sua vida; dissipava o dia até o fim, e a isto chamava uma vida agradável e feliz".

Praxiteles modelou aquele corpo delicado, no qual foram sacrificados o contôrno preciso e a tensão dos músculos, à linha branda. Êsses corpos, conquanto fortes, não podiam negar que eram filhos de uma geração dura e bem conformada, mas não deixavam dúvida de que já estavam cansados de disciplina. A serenidade do doríforo era a



O PUGILISTA SENTADO, DA ÉPOCA HELÊNICA

mesmo e de seus fins, — o doríforo magnífico resultou de uma escola longa e penosa. Talvez sua figura tivesse inspirado os antigos poetas, que viam, no povo grego, "o embrião de uma geração de deuses".

Nos grupos do Partenon, não tardou Fídias a dar à cidade de Atenas o "Hino à Figura Humana". A tradição artística trazia arraigada aquela grandeza; contudo, suas próprias obras, e ainda a de seus discípulos, denunciavam já um novo espírito de uma nova época. Quasi imperceptivelmente, começava a ser outra a conformação do corpo e, do mesmo modo, os homens já eram outros. O perigo persa já havia sido conjurado. Com ânimo e esforço, o

serenidade da ação. A serenidade de Hermes de Praxíteles era a serenidade do cansaço e do exgotamento. Sente-se formalmente que os homens de seu tempo não eram dispostos a uma atividade enérgica e a uma ação violenta, e que pouca vontade tinham de empunhar um disco ou uma espada. Fracos de vontade, cediam, dobravam-se pelos quadris e necessitavam de apóio exterior. A visão tristonha, distante, característica deste ciclo artístico, não é uma questão de forma: é uma expressão de alma. Com vã nostalgia, com melancolia, voltava-se a vista ao passado viril e se prescrutava receiosamente o porvir.

Um povo em crise! Os mais capazes se afanavam em evitar a ruína. Sócrates e Platão prêgavam a renovação nacional. Tinha-se que fazer voltar a juventude envilecida aos antigos e singelos exercícios físicos. O estadista Licurgo não se conformou com palavras. No ano 350 A. C. ampliou o Liceu, edificou o Estádio e restabeleceu as festas panatênicas. O povo recebeu um novo abalo. Pinturas animadas de vasos e magníficas obras inspiradas em Policleto davam testemunho daquele ressurgimento da ginástica ática. Mas desde logo se extinguiu este fogo de entusiasmo, tão rapidamente como se havia acendido. Lentamente, foram desmoronando-se os Estados gregos, enquanto que, ao norte, a hora decisiva se aproximava. Em 338 A. C. verificou-se a aniquiladora batalha de Querônea.

Daí por diante, a ciência e a ginástica seguiram caminhos diferentes, e a arte revela este divórcio. O desconcerto da coluna coríntia deslumbrava a vista e o gosto. A orientação artística que se inspirava no homem que não

se havia sujado na poeira das palestras, nem havia vertido suor nos pugilatos, privou suas obras dos últimos ecos de virilidade de uma humanidade vigorosa, dando aso a formas de indizível feminidade.

A outra orientação, que se inspirava na escola atlética, apresentava os deuses e os heróis na ostentação musculosa de um pugilista de peso pesado, invicto, mas grosseiro, sem impressões espirituais e anímicas. A arte e a ginástica deixaram de ser mananciais de saúde, meios de cultura e de educação. Todavia, o helenismo viveu por muito tempo, envaldecido das glórias do passado.

O aparecimento de um homem cabal de outrora, na vida ou na arte, era uma obra do acaso, assim como o era o aparecimento, de quando em quando, de fantasmas da arte e da ginástica, afanando-se por estender uma ponte sobre o abismo que separou em duas classes — a dos brutais e a dos efeminados — a nobre raça dos gregos em decadência.